

## COMUNIDADE LUCANA: UMA IGREJA QUE CAMINHA NA DIMENSÃO HISTÓRICA

Jofre Macnelli Aragão Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

Considerando que os escritos de Lucas, o terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos, trazem um entendimento bíblico que acentua o caráter profético na vida e obra de Jesus de Nazaré. É importante a reconstrução da situação histórica desta comunidade. Buscar responder como o autor lidar com a concepção de um ideal de continuidade profética diante da não-comparência da parusia e a valorização da tradição na figura dos Doze. Para isso este artigo trabalha uma continuidade do carisma na comunidade lucana.

**Palavras-chave:** comunidade lucana – continuidade – carisma

### ABSTRACT

Whereas the writings of Luke, the third Gospel and the Acts of the Apostles, bring a biblical understanding that accentuates the prophetic character in the life and work of Jesus of Nazareth. It is important to the reconstruction of the historical situation of this community. Search reply as the author deal with the design of an ideal of prophetic continuity in the face of non-appearance of the parusia and the appreciation of tradition in the figure of the Twelve. For that this article works continuity of the charism in Lucan community.

**Keywords:** Luke community - continuity - charisma

### INTRODUÇÃO

As comunidades lucanas lidam com a perda da identidade religiosa, como se dispõem a manter-se contínua na história e busca a manutenção da tradição. Tanto o Evangelho como Atos dos Apóstolos apresentam esse período tenso da história e ao mesmo

---

<sup>1</sup> Atualmente mestrando em Ciências da Religião com ênfase em Análise do discurso religioso - FUV (Faculdade Unida de Vitória); Pós-graduado em Docência do Ensino Superior - FTED (Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin - Brasília); Pós-graduado em História do Cristianismo Antigo (CEAM - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. Núcleo de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia) pela Universidade de Brasília - UnB, graduação em Integralização de Créditos em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (2009) e Bacharelado em Teologia (Curso livre) - Seminário Teológico Evangélico do Brasil (2006). Atualmente é professor e coordenador da Unidade de Planaltina/DF pelo Seminário Teológico Evangélico do Brasil. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia, História da Igreja, Hermenêutica, Missão Integral, Comunidades primitiva. <http://lattes.cnpq.br/3382548718778627>

tempo revelador. Por isso é necessário salientar duas características importantes para tal reação por parte da comunidade lucana: a demora da parusia e a importância da tradição dos Doze. Ambas refletem situações decorrentes do distanciamento histórico do Cristo e de seu movimento, visto a demora de seu retorno e a morte de grande parte dos doze apóstolos a religião está ameaçada. É necessário buscarmos na historiografia a maneira de como Lucas responde a não-comparência na parusia e a que moldes será levado sua narrativa histórico-salvífica.

Lucas expressa uma relação íntima entre o Evangelho e os Atos dos Apóstolos, a continuidade entre o caminhar de Jesus, no tempo da promessa, e o caminhar da Palavra no tempo da Igreja. São tempos diferentes, mas que estão referidos mutuamente, pois só se compreende a missão desta última olhando retrospectivamente para a missão de Jesus.

### **AS COMUNIDADES DE DEUS NA JUDÉIA: CONTINUIDADE DO CARISMA**

Vemos a continuidade como decisiva e fator preponderante para o início da transformação do carisma ocorridas logo após a morte de Jesus no seguimento de Jesus, especialmente no círculo mais estreito dos discípulos e discípulas.

Segundo a tradição paulina o ressuscitado apareceu a Simão Pedro (Cefas) e ao círculo dos doze com um todo, em seguida, a um círculo mais amplo de mais de quinhentos adeptos, como a Tiago, o irmão de Jesus, e a todos os apóstolos (1 Co 15.5-7). Já nos evangelhos as mulheres são as primeiras testemunhas da ressurreição. Lucas compartilha da tradição paulina a idéia da aparição de Jesus a Pedro (Lc 24.34). Nos evangelhos a aparição ao círculo dos doze. (Mt 28.16-20; Lc 24.36-49; Jo 20.19-23). Essas aparições representavam para a protocomunidade a elevação de uma posição celeste de domínio como “Filho de Deus” e “Senhor” (cf. Rm 1.3ss) ou conforme Dn 7.13, como “Filho do Homem” à direita de Deus.

“De acordo com a fé de seus adeptos, como ressuscitado e elevado a Deus, ele está preparado para estabelecer em seguida o seu domínio sobre Israel. Em vista disso, nada se alterou no que tange à expectativa iminente; ela talvez tenha se tornado até premente. Ao mesmo tempo, o exaltado já está transmitindo ao seu séquito o espírito escatológico a partir do céu” (STEGEMANN, E.W; STEGEMANN, W, 2004, p.246).

Os evangelhos vinculam as aparições de Jesus ao círculo dos doze com um mandato e uma missão renovados e com a concessão do Espírito. A narrativa de At 2, trata do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes, em Jerusalém, é retomada a tradição profética (Joel 3.1-5; cf. Is 59.21; Ez 39:29).

Os apóstolos entram de maneira bem nova no seguimento de Jesus, na medida em que se relata a seu respeito atos carismáticos milagrosos similares (cf. At 2.43; 3.1-10; 4.30; 5.12-16; 9.32-43). Paulo atribui esses feitos carismáticos como sinais de seu apostolado (cf. Rm 15.18s; 2 Co 12.12; 1 Co 2.4; 1 Ts 1.5). Da mesma forma, alguns compartilham o mesmo destino de Jesus, no que diz respeito ao martírio – como os filhos de Zebedeu (Mc 10.35-45; At 12.1s) e mais tarde Pedro e por fim Tiago, irmão do Senhor. Lucas ainda estabelece uma relação clara entre a paixão de Jesus e o martírio de Estêvão.

Torna-se bem mais insistente a pergunta: como a igreja deve comportar-se no mundo? Tudo isto se percebe nitidamente na obra de Lucas, tendo-lhe imprimido profundas marcas. Ainda assim, algumas coisas se cristalizam com suficiente clareza. O interesse histórico de Lucas em documentar e seu interesse em protagonizar a “testemunha ocular” (Lc 1,2; At 1,21ss), respectivamente do “apóstolo” (Lc 6,13; 9,10; 17,5, etc.). É deixar bem claro que a fé cristã se fundamenta no testemunho apostólico (cf. Ef 2.20; Ap 21,14) (BRAKEMEIER, 1984).

No entanto, é errôneo descobrir em Lucas algo como uma doutrina de sucessão apostólica. Lucas busca a certeza da verdade pelo recurso às fontes, não pela evidenciação de uma corrente ininterrupta de transmissores fidedignos do patrimônio da fé. Diferente de como pensa Bonneau “uma transferência de autoridade, semelhante àquela de Jesus aos apóstolos, acontece em Atos 12: a prisão de Pedro corresponde à prisão de Jesus ressuscitado” (BONNEAU, 2003, p.157).

Os interesses históricos de Lucas, ao se dirigirem às origens apostólicas da Igreja, de modo algum conflitam com os seus propósitos evangelísticos. A tradição tem um peso considerável, pois é necessário “estar informado com segurança” sobre as palavras que foram ensinadas (Lc 1,4; 1,2).

E, todavia, a fé precisa do conhecimento histórico. É a sua premissa. Faz alguma diferença se Jesus falou ou agiu deste modo ou daquele. Precisamente neste sentido Lucas procura fornecer certeza, a saber, no que vem a ser a autêntica tradição a respeito de Jesus (BRAKEMEIER, 1984, n.p).

Lucas reconhece a necessidade de resguardar “a tradição sobre Jesus, decisiva para a proclamação da palavra, contra todo e qualquer risco de falsificação” (ROLOFF, 2005, p.237). É nesta perspectiva que Lucas acaba reduzindo o círculo de discípulos de Jesus em um pequeno grupo – “os doze apóstolos” – os demais não são apresentados; ele deixa claro que “os doze” foram designados por Jesus para serem apóstolos (Lc 6,12-16).

Essa identificação não é própria de Lucas, os demais evangelistas dão margens que supõe uma identificação. Mas, somente Lucas a elabora como “fundamento para a ampla história de influência” (ROLOFF, 2005, p.238). Essa restrição tem seu valor apologético, pois visava prevenir o perigo de seu tempo<sup>2</sup> contra a tradição autêntica sobre Jesus. Como afirma Roloff:

[...] tanto Lc 24:47 quanto de At 1:8 se depreende que o encontro com o Ressurreto representa a guinada decisiva para os doze. Se antes eles eram meros recipientes passivos a acolher o ensino de Jesus, agora se tornam ‘testemunhas’ capazes de interpretar a tradição recebida com entendimento e aplicá-la a igreja em formação. É só agora que eles percebem o caminho e o destino de Jesus como cumprimento da ‘Escritura’ e, portanto, do plano divino de salvação (Lc 24:13-27, 44-48)”. (ROLOFF, 2005, 238-239).

### **A DEMORA DA PARUSIA SEGUNDO HANS CONZELMANN**

Ao olhar para o “princípio” da Igreja, Lucas propõe mostrar a continuidade entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Esse olhar requer uma distinção clara entre esses dois momentos da história, que são distintos, mas referidos mutuamente conforme um plano.

Frente à “demora” da Parusia, Lucas quer responder a questão da existência da Igreja no mundo. Ele propõe refletir sobre a situação dessa “demora” voltando-se para o “princípio” fundante da Igreja, a fim de buscar as razões de sua existência nesse tempo que vai se alargando.

Para compreender essa “demora”, Lucas vai refletir sobre a história, compreendendo-a como uma história da salvação, situada entre dois pontos limites: a criação e a parusia. Hans Conzelmann apresenta a teologia lucana na perspectiva histórico-salvífica, que abrange três épocas: o tempo de Israel (Antigo Testamento); o tempo de Jesus – centro do tempo (Evangelho); o tempo da Igreja (Atos dos Apóstolos) (CONZELMANN, 1974, p. 37-41)<sup>3</sup>. Assim, o tema do “caminhar”, presente tanto no Evangelho como em Atos dos Apóstolos parece confirmar a perspectiva histórico-salvífica tripartida de Hans Conzelmann. Para tal distinção se faz necessário apresentar o típico de cada período.

<sup>2</sup>Ao final do século I temos dois fatores que vão obrigar a que o processo de institucionalização dê passos mais rápidos: a *ampliação da rede de comunidades* e o *movimento gnóstico*.

<sup>3</sup>Conzelmann compreende que os tempos da história da salvação devam ser dividido assim, devido sua análise exegetica de algumas passagens de Lucas. Ainda pondera Lc 16,16 como marco de distinção das épocas de Israel e de Jesus.

O tempo de Jesus é o tempo de salvação, do cumprimento das promessas veterotestamentárias. Lucas apresenta o tempo da atuação de Jesus, que ocupa o centro da história da salvação, como tempo de salvação. “Esse tempo é caracterizado em passagens como Lc 4.16-21 e At 10.38, “na atuação de Jesus no anúncio da Palavra e curas” (CONZELMANN, 1974, p.38).

Entender essa etapa histórica é primordial para a compreensão da Igreja, pois a arché da Igreja tem seu fundamento na própria atuação de Jesus, que se configura como imagem da salvação atemporal (CONZELMANN, 1974, p.260).

O tempo da atuação de Jesus se desenrola em três períodos: 1) tempo da reunião das “testemunhas” na Galiléia; 2) marcha dos galileus ao templo; 3) tempo do ensinamento no templo e da paixão em Jerusalém. A cada fase corresponde um desenvolvimento cristológico. A caminhada de Jesus se configura como referenciada caminhada do discípulo.

Toda a revelação do longo da história de Israel encontra em Jesus seu cumprimento escatológico. Essa amplitude da revelação inclui também a abertura aos gentios, como é indicada em vários textos (cf. Lc 1,79; 2,32; 2,49; 3,6; 4,26 etc.). Essa perspectiva continuará presente e será ampliada no livro dos Atos dos Apóstolos através das figuras de Pedro e Paulo.

No tempo da Igreja, o começo da comunidade é apresentado como época de perseguição, de modo que a igreja posterior pode encontrar naquele início um modelo e, dessa forma consolar-se por sua vinculação com o sofrimento dos mártires. Mas os inícios são também uma época de paz, diferente do tempo de Lucas, o que lhe dá confiança de possuir a proteção de Deus. A perseguição sofrida pelos apóstolos é semelhante àquela sofrida por Jesus. Até o martírio de Estevão é descrito em paralelo ao de Jesus. Lucas quer, com isso, afirmar a continuidade entre Jesus e seus discípulos, entre o tempo de Jesus e o da Igreja.

O princípio da Igreja é pressuposto histórico da Igreja posterior, por isso sua progressiva independência do judaísmo, da Lei, do Templo e de Jerusalém, elementos característicos da comunidade lucana. Seu desenvolvimento histórico é pressuposto para a missão atual junto aos gentios, que está intimamente vinculado ao plano de Deus. Contudo, isso não a desvincula do projeto salvífico, uma vez que tal desenvolvimento é apresentado como parte de um plano querido por Deus.

O tempo da Igreja é o tempo do kerygma, de pregação da “Palavra” na força do Espírito, que conduz a Igreja, assim como conduziu a Jesus em sua missão. A missão da Igreja é compreendida como continuação da missão de Jesus. O chamamento à conversão e o

anúncio da Palavra, que é o próprio Cristo compreendido a partir da Escritura, são a tarefa própria da Igreja. Com a atenuação da Parusia, a ênfase se situa na ética da Igreja. Daí seu olhar retrospectivo à vida de Jesus. Seu caminho se apresenta como proposta para o caminhar do discípulo na Igreja. (CONZELMANN, 1974, p.324).

Nas três fases dessa história, o caminhar da Palavra de Deus, presente nas promessas feitas a Israel, o de Jesus como realização dessas promessas e, por fim, o caminhar da Palavra-evento proclamada pelos apóstolos na força do Espírito estão intimamente relacionados, formando uma unidade no projeto de Salvação realizado por Deus na história humana. Nessa perspectiva teológica, Lucas constrói sua cristologia.

### **A IGREJA EM VIAS DE ESTABILIZAÇÃO**

Os desafios vividos e os problemas que as comunidades lucanas debatiam fizeram com que, fosse relevante para Lucas, a dimensão da história para o seu olhar eclesiológico. Para desenvolver os aspectos desta conclusão, dependemos das conclusões indiretas das duas obras de Lucas. A questão da história tornou-se incontornável. As comunidades de Lucas estão marcadas pela experiência da demora da parusia. “A expectativa do fim eminente do mundo e do retorno de Cristo foi sobreposta por outras considerações” (BORNKANN, 2003, p.78).

O arrefecimento da expectativa iminente já a havia levantado em princípio, mas ela se tornou extremamente candente ante a experiência da distância cada vez maior em relação aos acontecimentos salvificamente relevantes do evento de Cristo [...] (ROLOFF, 2005, p.234).

Foi à demora da parusia, que obrigou a Igreja organizar-se permanentemente na sociedade e na história (HOFFMANN, 1998). Naturalmente, a esperança não é abandonada, mas percebe-se que o fim não está tão próximo como se supunha (como vemos em Lc 21,8s e Mc 13,5s). Isto tem sérias conseqüências. Pois a Igreja, de alguma forma, deve arranjar-se neste mundo. Mesmo os outros Evangelhos, sinalizam um retardamento da parusia, mas somente Lucas tenta posicionar-se, dando à Igreja uma orientação. “Para ele é nova a idéia de ver a história da salvação manifestada também na vida diária da Igreja” (CARSON, D.A; MOO, D.J; MORRIS,L, 1997, p.139). Sua obra propõe uma busca de manutenção, de preservação da continuidade da Igreja para com os seus primórdios.

Lucas responde a questão (*parusia*) ao mostrar que a história por ora ainda em andamento não só não questiona a identidade da Igreja, mas é, antes, a possibilidade que Deus lhe deu para desdobrar essa identidade em toda a sua amplitude (ROLOFF, 2005, p.234).

A história de Jesus para Lucas faz parte do passado, mas não está morta e acabada. Faz parte de um período especial, muito singular. É o “meio dos tempos” (CONZELMANN, 1974), ou seja, a perspectiva histórica de Lucas é diferente dos outros evangelistas. Para Lucas a Igreja tem a sua história própria. Desde o tempo decorrido do aparecimento de Jesus percebe-se um período de “mudanças permanentes” (ROLOFF, 2005, p.234).

É devido a isso que Lucas revisa a tradição sobre Jesus:

Ditos como Mc 1:15 (cf.Mt 4:17), que falam do reino de Deus como realidade iminente, não têm nenhum paralelo em Lucas. De fato, há uma advertência explícita contra os que anunciam ‘o tempo está próximo’ (Lc 21:8s). Catástrofes cósmicas não são ‘o começo das dores de parto’, como em Mc 13:7ss. (BORNKAMM, 2003, p.78).

Portanto, a ênfase se descola da esperança escatológica para a ética num viver na história. A Igreja injeta na sua experiência cotidiana as tarefas práticas de fé e vida de Jesus (BORNKAMM, 2003, p.79). Deve ser definida a tarefa da Igreja neste amplo espaço de tempo que ela tem, devem ser desenvolvidos critérios orientadores, quanto ao que é ser cristão e o que não o é. Insurge-se a necessidade de uma continuidade estabelecida ou como me proponho a afirmar uma *pré-instituição* (COSTA, v.19, n.76, p.23-45), para sobreviver, para estruturar-se.

Um dos elementos constitutivos dos escritos fundacionais do cristianismo é o seu caráter conflitivo, tenso e às vezes paradoxal [...]. A Igreja tem sua origem em Jesus, mas se constitui depois de sua morte; tem uma dimensão cristológica, mas também pneumatológica ou espiritual; depende da vida de Jesus, mas é posterior; é apostólica e profética; carismática e também institucional [...] (ESTRADA, 2005, p.284).

## **A DESPERSONALIZAÇÃO DO CARISMA E A ESTABILIZAÇÃO DE MINISTÉRIOS DE LIDERANÇA COMUNITÁRIA**

É possível destacarmos a transição do carismático genuíno Jesus para um movimento “carismático pessoal e institucional” (STEGEMANN, E.W; STEGEMANN, W, 2004, p.247). Isso já fora preparado no primeiro seguimento de Jesus, na medida em que o próprio concedeu aos doze uma participação na sua autoridade carismática. Mais é relevante destacar que após a morte violenta de Jesus, o carismatismo passe, para todo o grupo de adeptos, como mostram a menção dos mais de quinhentos visionários em Paulo e o derramamento do

Espírito em Pentecostes, além de pessoas individuais, destacadas por Lucas em Atos, como Pedro e os doze, mais tarde Tiago, irmão do Senhor, e todos os apóstolos.

No ambiente de Lucas, esse mandato carismático é assumido para “certas tarefas de missão e liderança inerentes ao exaltado” (STEGEMANN, E.W; STEGEMANN, W, 2004, p.247). Os profetas se submetem ao conjunto do cristianismo sem muitos choques aparentes, para ele a Igreja é “investida do Espírito e inteiramente composta de profetas, progride no seguimento do profeta Jesus e de seus apóstolos” (ROLOFF, 2005, p.210).

Lucas é conseqüente em sua tentativa de apresentar um modelo de Igreja primitiva que sirva de exemplo às comunidades de seu tempo. Assim como nos evangelhos há um processo de idealização dos discípulos, o mesmo ocorre com a comunidade (ESTRADA, 2005, p.143).

A obra de Lucas está interessada em mostrar, que desde o início existiram cargos de direção da Igreja<sup>4</sup>. A diversidade panorâmica deixada por Jesus nos leva a usar um critério muito aberto para analisar o surgimento destes cargos, ministério e serviços na Igreja das origens. No contexto da comunidade lucana, está bem viva a presença da figura do profeta. Uma vez que o Espírito Santo faz dos discípulos uma comunidade profética, esta irá atuar de multiformes maneiras.

Lucas modificou, por conseguinte, de plena consciência, certos aspectos das funções do cristianismo nascente para responder às necessidades de sua comunidade, preservando, porém, a realidade carismática que vicejava no primeiro período. (BONNEAU, 2003, p.168).

Observa-se em Atos, por exemplo, cerca de doze pessoas que recebem o título de profeta, é o caso de: Ágabo (At 11,27-28; 21,10-11), Judas e Silas (At 15,32), Barnabé, Simeão, cognominado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém e Saulo (At 13,1), bem como as quatro filhas virgens de Filipe, o Evangelista (At 21,8-9). Lucas dispõe a citar a existência dos profetas, tentando mostrar que a presença deles implica numa continuação do espírito carismático-profético. A visão de Lucas propõe que desde o dia do Pentecostes a Igreja e seus dirigentes são profetas, no entanto, estes parecem se submeterem a uma estrutura pré-institucionalizada por outros que mantêm uma posição de autoridade. Estas autoridades estariam centradas na tradição da figura dos doze. No entanto, ao mesmo tempo em que clarifica a importância da comunidade de Jerusalém como modelo legítimo, Lucas esforça-se

---

<sup>4</sup> Sobre este assunto há muitas considerações a serem feitas, diferentes autores discutem a perspectiva de institucionalização em Lucas. Segundo ROLOFF, 2005, p. 239: “juntamente com o autor das cartas deuteropaulinas e da primeira carta de Pedro, Lucas está entre os escritores neotestamentários da terceira geração que ressaltam enfaticamente a importância dos cargos de liderança comunitária para a Igreja”. Já BONNEAU, 2003, p. 20: Compreende a redação das obras de Lucas no segundo período (entre os anos de 65 a 85), enquanto o terceiro período (entre 85 a 100) é a época da redação das cartas deuteropaulinas e cartas de Pedro.

na continuidade da multiplicidade e “o aparecimento de ministérios institucionais nas comunidades” (BONNEAU, 2003, p.175).

Roloff propõe que o exercício destes cargos ministeriais comunitários é remetido à pessoa de Paulo, afirma que ele é apresentado como aquele que “serve do mesmo modo que Jesus: para si mesmo ele renunciou ao poder e à dominação para, ao invés, engajar-se em total dedicação a comunidade e a cada um de seus membros” (ROLOFF, 2005, p.245). Lucas avalia que Paulo não é um sucessor direto da tradição apostólica, o apóstolo dos gentios é um instrumento de uma determinada situação histórica (ROLOFF, 2005, p.245). É o que se vê no discurso de despedida de Paulo aos presbíteros de Éfeso (At 20,17-38), onde se tornam visíveis os cargos comunitários; aqui se apresentam as intenções pressupostas por Lucas da constituição da liderança comunitária.

Os presbíteros são lembrados de que o Espírito já os ‘instalou como episcopos’ e lhes outorgou o encargo de ‘apascentar a igreja de Deus’(v.28). Além disso, Paulo recomenda-os ‘a Deus e à palavra da sua graça, que tem o poder de edificar e de conceder a herança entre todos os santificados’(v.32). Unicamente Deus é que proporciona continuidade à igreja através do Espírito. Seu instrumento para tal é o cargo ou ministério. (ROLOFF, 2005, p.244).

Os ministérios comunitários em Atos surgem com a força da necessidade, como é o caso da diakonia (At 6), por conta do conflito das viúvas de cultura grega e as queixas oriundas por causa da divisão do alimento, o ministério então, surge desta situação histórica conflitiva.(DALBON, 1995, p.78).

Lucas reconhece, naturalmente, o surgimento de cargos comunitários locais, que surgem conforme a necessidade. A “carismaticidade” e a institucionalidade da igreja se complementam, ocorrem neste desenrolar da história, pois surgem como solução amenizadora para as comunidades locais, e sem isso não há sobrevivência do cristianismo (ESTRADA, 2005, p.144). O que se pode presumir é que Lucas propõe um meio termo: reformular uma igreja que provém da antiga constituição presbiterial palestina (At 14,23), combinando com a constituição episcopal e diaconal praticada nas comunidades paulinas (ROLOFF, 2005, p.246).

Apesar de a maioria dos autores presumirem que as obras de Lucas possuem similaridade com as cartas deuteropaulinas. Na verdade elas se apresentam como precursoras ou como comunidade que se “retificam como carismáticos”, se pré-institucionaliza para manter-se no contexto de organização comunitária guiada pelo Espírito, lutando contra as heresias e preservando a tradição de Jesus de Nazaré.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos elementos metodológicos apresentados fica evidente que os fatos históricos do período em que compreende os escritos são extremamente relevantes para compreender a postura da comunidade frente às mudanças. Esse novo olhar ao ocorrido faz com que a comunidade elabore sua teologia e práxis diferenciada. Buscando sempre manter viva a tradição e preservar o embalar do Espírito em seu seio.

A continuidade é preservada pela tradição e reorganização dos papéis de autoridade, que até então estavam centrados apenas em Jesus. Agora diante da necessidade e dos problemas advindos à comunidade se reaver na carismaticidade um do outro em relação ao todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

BONNEAU, G. **Profetismo e instituição no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BORNKAMM, G. **Bíblia. Novo Testamento**: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo. 3.ed. São Paulo: Editora Teológica/ Paulus, 2003.

BRAKEMEIER, G. **Observação introdutória ao Evangelho de Lucas**. In: Proclamar Libertação. vol. X. São Leopoldo-RS: Editora Sinodal / Escola Superior de Teologia, 1984. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/articles/17031/1/-Observ-introduct-ao-Evangelho-de-Lucas/1>. Acessado no dia 27/02/2013 às 08:22h.

CARSON, D.A; MOO,D.J; MORRIS,L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CONZELMANN, H. **El centro del tiempo**: la teologia de Lucas.

Madrid: Fax, 1974.

COSTA, J. M. A. **Do carisma à pré-instituição: uma análise do movimento profético em vias de estabilização na perspectiva da comunidade lucana**. In: Revista de Cultura Teológica.v.19, n.76, out/dez. São Paulo: IESP/PFTNSA – PUC-SP, 2011. p.23-45.

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 1, jan.-jun., 2016.

DALBON, C. **A igreja que nasce do povo pelo Espírito**. In: O Espírito Santo formador de comunidades. Estudos Bíblicos. n. 45. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

ESTRADA, J. A. **Para compreender como surgiu a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

HOFFMANN, P. **A Herança de Jesus e o Poder na Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

ROLOFF, J. **A Igreja no Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 384p.

STEGEMANN, E.W; STEGEMANN, W. **História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo**. São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.